

## Os clássicos e os emergentes

A tecnologia supera os limites conhecidos do espaço, do tempo e do próprio corpo. Aprendizes de feiticeiro, não sabemos bem como pensar as conseqüências da extensão da rede sobre o mundo, dos produtos da associação entre Logos e Teckné.

Os clássicos ajudam na tarefa. Para isto, há todo um vasto legado bibliográfico para aqueles que sabem ler.

À preferência, confessadamente pessoal, nomes acorrem. São nomes de filósofos, J-F. Lyotard, J. Derrida, G. Deleuze, M. Foucault, que, de várias maneiras, sugerem modos de pensar a questão. Mas, aqui, destacamos dois nomes, S. Freud e J. Lacan, pois são eles que estão presentes neste número de CALIGRAMA, e, mesmo não se referindo explicitamente ao tema, deixaram pistas singulares.

Assim, S. Freud, ao desenvolver as suas hipóteses sobre os descompassos da condição humana, em *O mal-estar na civilização*, já dizia: “essas coisas que, pela ciência e pela tecnologia, o homem causou na terra (...) essas coisas que não somente soam como contos de fada, mas parecem um real preenchimento de cada desejo dos contos de fada” (Freud, 1961:91).

J. Lacan, com precaução, indica possibilidades, como podemos verificar na citação: “Talvez os traços que aparecem hoje de maneira tão explosiva sob o aspecto do que chamamos mais ou menos apropriadamente de *mass-media*, talvez a nossa própria relação com a ciência que cada vez mais invade o nosso campo, talvez tudo isso se esclareça pela referência a esses dois objetos (...) a voz planetarizada e até estratosferizada por nossos aparelhos e o olhar, cujo caráter invasivo não é menos sugestivo, pois para tantos espetáculos, tantos fantasmas, não é tanto a nossa visão que é solicitada, quanto o nosso olhar que é provocado” (Lacan, 1973:246).

Nessa direção, o trabalho de R. S. Borges, *Mediação televisiva: a cena do mundo (televisivo) se organiza pela função do olhar*, extraído de sua tese de doutorado, oferece uma leitura instigante. Também S. H. Hassan, pesquisadora e psicanalista, em *Pintores e poetas no roteiro da pulsão escópica: anotações preliminares*, indicia na poesia contemporânea e na pintura clássica os modos pelos quais a espacialidade, necessária para a inclusão de um terceiro elemento (o inconsciente), se entremostrava nas manifestações artísticas.

W. D. dos Santos vai buscar em V. Propp a inspiração para deslindar o perene enigma de Riobaldo e Diadorim. O texto, *Aproximações das funções de Vladimir Propp ao enredo de Grandes Sertões: Veredas*, de João Guimarães Rosa, é uma surpreendente leitura de dois clássicos, com resultados imprevisíveis. G. Parzianello elabora, no domínio da psicanálise, o ensaio, *A violência midiática como condição de emergência de sinais de angústia*.

As temáticas emergentes disseminam-se nos estudos e pesquisas da comunicação. Insistem e se repetem demandando explicitação; acompanha-nas o que chamamos de teorias emergentes, isto é, modos de pensar e de organizar o problema apoiados nas teorias sociológicas, nas teorias do discurso e, não menos importante, nas referências da Internet. Representam um considerável e frutífero esforço para esboçar um quadro compreensível da contemporaneidade.

Destacamos, assim, três textos que tratam de temas pouco reconhecidos no domínio acadêmico, mas que estão à espreita e reivindicam um lugar. O primeiro se refere à moda, cujo histórico como objeto de projeto científico é ainda incipiente, a despeito de que nessa história esteja registrado o trabalho seminal de R.Barthes, *O sistema da moda*. L.G. Neira repõe o problema em evidência no artigo: *A invenção da moda brasileira*. Os outros dois voltam-se diretamente para a chamada cultura digital, identificando novas manifestações, como ocorre em *Culture jamming – ativismo e contra-hegemonia*, de J. R. Diniz.

Com o artigo *O Deus televisivo da IURD: análise de um programa-modelo para a corrente neopentecostal*, J. G. Dantas acrescenta um dado a mais no conturbado espaço da relegião televisiva; *A imagem do jovem na televisão*, de V. L. R. Salles, narra a experiência desenvolvida durante oficinas com jovens e constata o desencontro entre a representação televisiva e a vivência dos representados; a novela das oito é retomada sob o prisma da intertextualidade, no trabalho de P. Amoroso e C. Montuori, *Bebel e Olavo –idolatrados “vilões”e “mocinhos”das oito*. Uma análise intertextual da novela paraíso tropical.

O Arquivo abre-se uma vez mais, trazendo as ilustrações do artigo de R. Lindekens, *Imagens pornográficas e imagens artísticas – abordagem de uma teoria da substância semiótica da imagem*, publicado por esta revista no V.1, N.3, setembro-dezembro, 2005.

Essas imagens têm uma pequena história. O artigo foi publicado pela primeira vez, sem as ilustrações, em *Significação*, Revista Brasileira de Semiótica, n.2, agosto, 1975, editada pelo Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas. As ilustrações tinham sido cuidadosamente enviadas pelo autor, então professor da Universidade de Montreal, e na brochura que as envolvia lia-se *Documents relatifs à l'article e Description des documents à toutes fins utiles*. O Conselho Editorial de *Significação* julgou que tais imagens não poderiam ser publicadas, pois, pornográficas, eram inapropriadas para uma revista acadêmica. Só se publicou a descrição.

Desde então as imagens estavam desaparecidas. Dormiam no fundo de uma gaveta e não foram encontradas quando o artigo foi republicado. Assim, a editoria de CALIGRAMA improvisou uma série de ilustrações que acompanharam o texto. Reencontradas e inéditas, publicamo-las agora. Ao leitor, o julgamento.

O livro *Mídia e Cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*, de J. Marques de Melo, apresenta um panorama da construção dessa área na universidade, como bem o mostra M.I.A.R. de Souza, na resenha.

Colabore: mande-nos o seu trabalho.